

O DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA SEGUNDO KEN WILBER

Vera Irma FURLAN*
Instituto de Filosofia - PUC-Campinas

RESUMO

O artigo apresenta o significado da Consciência dentro da evolução do Kosmos conforme a compreensão holística de Ken Wilber. A história do Universo se processa através de totalidades (ou "hólons"), cada vez mais complexas e abrangentes, que incluem as anteriores e as "transcendem"; seus níveis são manifestação do Espírito/Consciência. Em função desta evolução, os seres humanos se situam no momento mais privilegiado da História Evolutiva.

RÉSUMÉ

Cet article présente le sens que la conscience a dans l'évolution du cosmos, chez Ken Wilber. L'histoire de l'univers est déclenchée à travers des totalités (ou hólons), de plus en plus complexes et plus larges. Ces totalités enveloppent les totalités antérieures et les transcendent; ses niveaux sont l'expression de la manifestation de l'Esprit/Conscience. En vue de cette évolution, les êtres humains se situent dans le moment de plus important de l'histoire évolutive.

Como fazer frente às exigências de compreensão e de ação no atual momento da história? De que modo podemos enfrentar as questões de ordem pessoal, interpessoal e do próprio conhecimento? É possível integrar estas dimensões num todo conceitual minimamente coerente que oriente a busca de soluções aos graves entraves que vivemos? Poucos teóricos se aventuram a esta empreitada porque reconhecem a falência dos grandes sistemas num mundo caótico e inseguro. Outros buscam referências abrangentes capazes de indicar parâmetros orientadores mas

sem a pretensão de esgotar a complexidade do mundo atual.

Ken Wilber, pensador norte-americano, "plural, múltiplo, dinâmico e centrado" se inclui entre estes últimos. Em sua vasta obra se propõe a apresentar amplas "generalizações orientadoras" do lugar que ocupamos (homens e mulheres) em relação ao universo, à vida e ao espírito. Parte do estudo dos mapas de desenvolvimento biológico, psicológico, cognitivo e espiritual construídos pelas ciências e filosofias ocidentais, bem como das tradições espirituais do oriente e ocidente.

(*) Doutora em Filosofia da Educação pela Unicamp com a tese "Uma Nova suavidade e profundidade...O despertar transpessoal e a (re)educação". Professora de Filosofia da PUC-Campinas. Formada pela Escola da Dinâmica Energética do Psiquismo (SP). Coordenadora do *Espaço Harmonia* - Educação e Saúde (Campinas). Educadora e terapeuta transpessoal.

Reconhece a diversidade e as diferenças destes mapas mas busca, no entanto, seus pontos complementares que podem nos ajudar a compreender este momento. Suas referências revelam um profundo conhecimento da história da filosofia, das conquistas científicas mais recentes e das tradições espirituais.

O que dizer de um pensador que unifica, por exemplo, Freud e Buda no estudo do desenvolvimento da consciência? Louco? De forma alguma. Num movimento sincero e comprometido com a verdade nos mostra os limites das teorias quando tentam reduzir a realidade a apenas um aspecto. Por outro lado, aponta as contribuições destas mesmas teorias quando consideradas a partir de uma perspectiva mais abrangente e profunda da realidade. Discernimento e integração são as marcas de seu pensamento.

Num enfoque compreensivo e global desenvolve em suas obras um estudo da evolução física, emocional, intelectual, moral e espiritual da história do Universo. Afirma que este caminho comporta, descontinuidades, colapsos, revoluções. O original de sua obra é que considera o caminho percorrido como o desenvolvimento de nossas dimensões internas individuais (o domínio do belo) e coletivas (o domínio da bondade), assim como dimensões externas individuais e coletivas (o domínio da objetividade). E aponta a possibilidade de estarmos a caminho de um salto quântico de transformações em que estas dimensões se integrariam num contexto mais abrangente e profundo da consciência.

Desenvolve, desta forma, uma reflexão sobre a matéria, a vida, a mente e o Espírito, mostrando que há um padrão comum que unifica o processo de evolução. Estes elementos não estão dispersos, mas sim conectados, de modo que do Big Bang nasceu a ordem do mundo físico; de desordens neste se desenvolveu a vida; o mundo vivo criou condições para a manifestação da mente e esta, finalmente estaria a caminho para também do caos no seu próprio interior possibilitar a manifestação do nível transmental, transracional, translógico, transpessoal.

O Kosmos (universo em todas as suas manifestações) escreve sua história através de contextos (hólons) dentro de contextos cada vez

mais abrangentes e profundos. As relações que existem entre um contexto ao outro são hierárquicos (relações entre níveis diferentes), enquanto as relações entre os elementos de um mesmo contexto são heterárquicos (relações de rede). Neste processo descontínuo há uma crescente complexidade de modo que no contexto da vida vamos encontrar qualidades, como por exemplo a capacidade de “autopoiesis” (segundo Varela), que não existiam no mundo físico. Na esfera mental se desenvolve a capacidade dela se manifestar como auto-consciente. Um contexto inclui os anteriores e os transcende de modo que um todo pode se tornar uma parte do todo de um nível maior.

Com estas hipóteses Wilber coloca em cheque as posições radicais dos chamados “descendentes” que somente consideram a realidade em termos intramundanos. Estes teóricos negam a possibilidade de uma transcendência da atual multiplicidade vivida num contexto mais abrangente e profundo. Por outro lado, questiona também a perspectiva dos chamados “ascendentes” que se fixam numa unidade ultramundana e ficam apenas com o transcendente.

Deste modo, supera os reducionismos materialistas e espiritualistas incluindo as contribuições de ambos, pois a realidade é ao mesmo tempo múltipla e una, imanente e transcendente. O processo de crescimento individual e coletivo que se desenvolve internamente e externamente pressupõe o reconhecimento e a experiência da integração destas dualidades. Muitos sábios e mestres da história manifestaram em suas vidas esta experiência, o que nos mostra a capacidade humana de vivê-la de fato. E parece que é este o grande nó da questão que vivemos neste momento...

Sentimos, pensamos e agimos de acordo com padrões adquiridos de experiências nas relações familiares, que expressam os valores presentes nas experiências da cultura na qual estão inseridas. Deste modo, nossa história pessoal está marcada e marca a história coletiva. As diversas disciplinas humanas tem se encarregado de mostrar o caráter ao mesmo tempo reprodutivo e criativo do comportamento individual e coletivo. No caso específico de nossa história ocidental temos caminhado no sentido de desenvolver um maior

discernimento da realidade. A razão humana se complexificou e se diversificou no estudo cada vez mais minucioso de seus múltiplos aspectos. Nossa história tem privilegiado a imanência.

Mas vamos penetrar mais no pensamento de Wilber no que se refere aos padrões que conectam a história de todas as coisas. E vamos fazê-lo, em primeiro lugar, com relação ao desenvolvimento que vai do Big-Bang à organização do mundo físico (o cosmos com “c” minúsculo ou fisiosfera) e deste ao desenvolvimento e organização da vida (a biosfera). O desenvolvimento da mente (noosfera) a partir de condições caóticas na própria biosfera e o desenvolvimento do Espírito no seio da própria noosfera são níveis que seguem os mesmos padrões: contextos dentro de contextos mais abrangentes e profundos.

Como já afirmamos anteriormente, Wilber se apoia em verdades gerais provenientes das diversas áreas do saber humano tais como a física, a biologia, a psicologia, a sociologia, a filosofia, a teologia e a religião. Busca nestas fontes os pontos complementares, os acordos gerais que possibilitam a compreensão ampla e profunda da história do Universo. Não se trata de ecletismo, como aparentemente tal postura pode ser entendida, mas de um contexto teórico que permite encontrar tais pontos complementares.

A história do Universo (Kosmos com K maiúscula) é a história do desenvolvimento de todos os domínios da realidade (fisis, bios, psique e theos). O desenvolvimento ou evolução da realização destes domínios comporta desordens, caos, distorções, regressões, dissoluções. Este caminho, ao mesmo tempo ascendente e descendente, apresenta padrões, princípios gerais que conectam todo o seu percurso.

O primeiro destes princípios é que a realidade é composta de totalidades/partes chamadas hólons. Não se trata nem de coisas, nem de processos, mas ao mesmo tempo de coisas e processos com qualidades que vão além deles. São contextos dentro de contextos infinitos. O átomo é um contexto (totalidade) que é parte de uma outra totalidade que é a molécula, que por sua vez é parte de um outro todo que é a célula. Mas o átomo é a base, o fundamento da molécula, enquanto esta é a base da célula.

Os hólons possuem quatro capacidades fundamentais: individualidade e comunhão (impulsos horizontais), transcendência e dissolução (impulsos verticais). A tendência de um hólón é manter sua individualidade, sua identidade, sua autonomia como um todo composto de partes. Mas, ao mesmo tempo possui o impulso de ser parte de uma outra totalidade mais abrangente e mais profunda que ele. Sua sobrevivência depende desta comunhão, de sua capacidade de se adaptar ao contexto do qual faz parte. As relações que são mantidas dentro de um mesmo hólón podem se degenerar de modo que uma falsa comunhão pode eliminar as individualidades gerando um tipo de patologia em que os “muitos” dominam o “um”.

Ao mesmo tempo que um hólón se adapta ao ambiente também pode transcendê-lo para um nível superior (auto-transcendência ou impulso ascendente). Isso exige a conservação de sua integridade como hólón e de seu relacionamento saudável com as outras individualidades. Se esta intenção não é mantida acaba destruindo-se (auto-dissolução ou impulso descendente) e o caminho que percorre é operado inversamente ao de sua construção. Estas forças são, desta forma, interdependentes e atuam de maneira conjunta.

Na história do Kosmos há, portanto, um processo de realização de diferentes faces. Não há como reduzir um domínio em outro, pois o processo criativo não é linear e contínuo, mas opera por saltos quânticos de emergência de novos hólons muito distintos dos que o antecedem. Estas discontinuidades, saltos e mutações criativas é que impedem, por exemplo, que a mente seja reduzida à vida e esta à matéria.

Os hólons emergem. Esta emergência é a criatividade, o fundamento primeiro e último de todas as manifestação do universo. Usando a expressão de Whitehead, o Espírito dá lugar à forma. Na linguagem do budismo, **“da vacuidade mais completa emerge todo o mundo do manifesto”**(WILBER, 1997-1: 49).

Com estes princípios, Wilber supera as posições científicas, cujo deus se configura no acaso. Há criação sim! No impulso de auto-transcendência do Kosmos as formas se manifestam criativamente em organizações cada vez mais complexas. **“O Kosmos tem um impulso formativo, um telos. O Kosmos tem uma direção e se dirige**

a algum lugar. Seu substrato é a vacuidade, seu impulso é a organização da forma em hólons cada vez mais coerentes. Vacuidade, criatividade, hólons” (WILBER, 1997-1:50).

A forma de emergência dos hólons é holoárquica, ou seja, no impulso de transcendência há uma hierarquia de níveis de crescimento cada vez mais complexos. ***“As totalidades que se convertem em partes de novas totalidades”*** (WILBER, 1997-1:51). Segundo Koestler a hierarquia faz parte do processo de crescimento dos hólons pois a tendência natural dos contextos é criar condições para ascender a níveis mais elevados de realização. Mas não podemos confundir estas hierarquias de realização com as de dominação. Os hólons estão sujeitos a distorções no seu processo de crescimento e um deles pode abandonar seu lugar natural e “querer” dominar a totalidade. As patologias a que estão sujeitos os hólons não podem ser sanadas eliminando a hierarquia, empreendimento praticamente impossível, mas sim através da integração do hólón dominador ao seu lugar no contexto.

A confusão entre as holoarquias naturais e as de dominação está presente em grande parte dos teóricos da chamada “nova era”, inclusive o próprio Fritjov Capra. Criticam a hierarquia como se estas existissem somente na forma patológica. Como partem do princípio que só existe a heterarquia, ou seja, relações em rede, defendem que qualquer forma de holoarquia ou categorização da realidade é opressiva, totalitária e inclusive fascista.

As holoarquias de dominação são as distorções que podem ocorrer no caminho de um hólón e nada tem a ver com as holoarquias de realização, em que está presente a infinitude. Não existe uma totalidade que seria a última síntese do universo, pois no momento em que se torna totalidade, já é parte da totalidade seguinte. ***“Elaboro este ponto porque é muito importante ressaltar a infinitude da holoarquia, sua abertura, sua natureza ‘perturbadoramente’ escalonada - uma holoarquia de realização, não de dominação”*** (WILBER, 1996: 52).

Desta forma, neste caminho que engloba tudo e todos cada hólón emergente transcende e inclui seus predecessores. A palavra “transcende” significa que há a preservação e, ao mesmo tempo, a negação dos hólons incluídos. Há uma transformação na qualidade das partes que

constituem a nova totalidade: a criatividade se manifesta. ***“(...) todas as estruturas básicas e funções são preservadas e levadas a uma identidade maior, mas todas as estruturas de exclusividade e as funções que existiam devido ao isolamento, à separação, à parcialidade, à individualidade separada, são simplesmente abandonadas e substituídas por uma individualidade mais profunda que alcança uma comunhão mais ampla”*** (WILBER, 1996: 69). Assim, o hólón superior tem sua base no inferior e o abarca. Por outro lado, se diferencia dele em termos de abrangência e profundidade.

Wilber afirma que o Espírito/Consciência, como sinônimo de vacuidade, inclui e transcende todos os níveis. Cada nível é a manifestação do Espírito. Nós, como seres humanos, somos o máximo de manifestação da História do Kosmos, pois incluímos e transcendemos todos os hólons anteriores. ***“A evolução tem uma direção(...) Neste sentido, cada novo desenvolvimento supõe uma vitória sobre o caos que implica o aparecimento de um sentido e aumenta o valor intrínseco do Kosmos”*** (WILBER, 1997-1: 67). É importante reafirmar que a profundidade crescente da História do Kosmos não exclui regressões e dissoluções. Neste momento, o futuro da humanidade está em nossas mãos. Podemos, enquanto coletividade, caminhar no sentido de transcender o caos que nós mesmos criamos e aprofundarmos ainda mais nossa realização. Ou não.

BIBLIOGRAFIA

- WILBER, K. *Breve historia de todas las cosas*. Barcelona, España, Ed. Kairós, 1997-1.
- _____. *A consciência sem fronteiras*. S. Paulo, Cultrix, 1991-1.
- _____. *Después del Edén*. Barcelona, España, Ed. Kairós, 1995.
- _____. *El proyecto Atman*. Barcelona/Buenos Aires, Kairós/Troquel, 1990.
- _____. *Psicología Integral*. Barcelona, Kairós. 1994-1.
- _____. *Sexo, ecología, espiritualidad*. Madrid, Gaia Ediciones, vol 1, libro 1, 1996 e libro 2 (1997-2).
- _____. *Los tres ojos del conocimiento*. 2ª ed. Barcelona, España, Kairós, 1994-2.
- _____. *Um Deus Social*. S. Paulo, Cultrix, 1987.